

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Folha de São Paulo

Class.: 115

Data: 17.09.78

Pg.: _____

O fim dos Cintas-Largas

O Projeto Juína está dispersando os indígenas em MT

PORTO VELHO (Do Correspondente) — A existência de um garimpo de ouro há duas horas e meia da região, e a aproximação do branco nas vizinhanças do Projeto Juína, implantado pela Companhia de Desenvolvimento do Mato Grosso (CODEMAT) constituem o começo do fim de mais de 100 índios Cintas-Largas que estavam vivendo na reserva indígena de Aripuanã. A iniciativa do Governo Mato Grosso e da Prefeitura do Município de Aripuanã, de vender as últimas faixas de terra do extremo norte do Estado, está conduzindo os índios a se empregarem miseravelmente nas fazendas que se instalam, na região e a se sentirem atraídos por bebidas alcoólicas e outros vícios que ameaçam a sua própria sobrevivência.

Conforme relato de Salvador Valladares, coordenador do CIMI na Amazônia Ocidental, e do padre Antonio Iasi Júnior, ex-secretário executivo do órgão, e atualmente pesquisador do Museu Rondon, da Universidade Federal de Mato Grosso, os índios Cintas-Largas — contactados pelos sertanistas Francisco Meireles (já morto) e Apoena Meireles há menos de dez anos — estão aos poucos deixando de lado seus costumes e tradições, e sofrendo os golpes mais rudes no processo de aculturação.

Valladares e o padre Iasi, que elaboraram durante quinze dias um levantamento da situação dos Cintas-Largas, confirmam que eles vêm sendo atraídos pela abertura de novas estradas, e submetidos a trabalhos na Frente de Serviços do Projeto Juína sem o conhecimento da presidência da Funai, em Brasília.

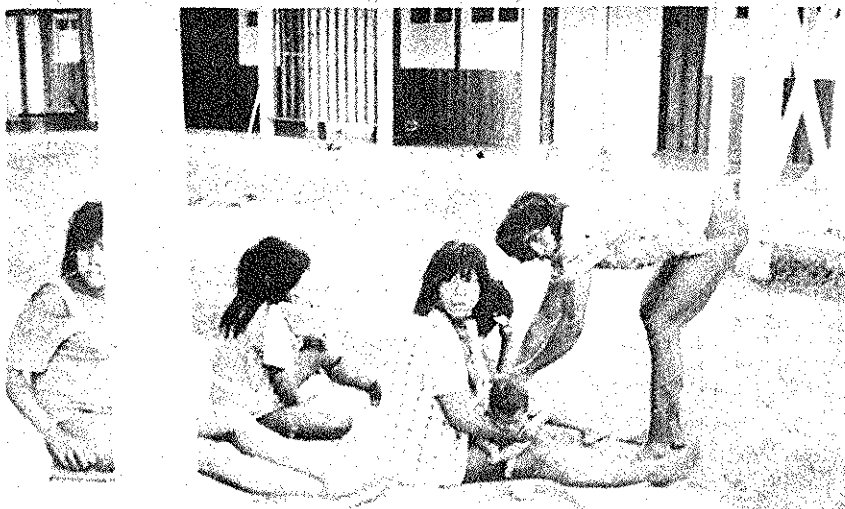
EXODO

Está cada dia mais complicado controlar as tribos circunscritas ao Parque Aripuanã, comentam os dois pesquisadores. A maioria dos índios abandonam suas malocas e o posto de Serra Morena, no local, espalhando-se pelas margens das estradas que surgem na região, a mais de 900 quilômetros de Cuiabá. São atraídos, segundo Valladares, principalmente para a estrada Vilhena-Dardanelos, por causa das roupas e objetos que recebem de presente dos peões que trabalham nas fazendas vizinhas.

O coordenador do CIMI levanta suspeita, em seguida, sobre a existência de duas aldeias abandonadas numa distância de aproximadamente 70 quilômetros do posto indígena de Serra Morena. "Será que os índios abandonaram as malocas ou morreram"? Ele pergunta.

TRABALHO IRREGULAR

Na versão do sertanista José do Carmo Santana, responsável pela tribo Zoró, a hipótese de várias mortes entre brancos e índios na região não deve ser afastada. "Não faz muito tempo, ele lembra, e o capataz conhecido por "Zé Caçaba", da fazenda Concisa, andou



Abandono, doenças e trabalho sem remuneração refletem o começo do fim dos 100 índios Cintas-Largas, expostos ao contato com o branco

atemorizando trabalhadores contratados no interior de Rondônia e Mato Grosso, dizendo que "quem fosse rebelde, molão, e não quisesse trabalhar aqui, teria que apanhar e morrer".

São inúmeras, aliás, as irregularidades levantadas por Valladares e padre Iasi sobre as condições de trabalho nas redondezas de Aripuanã. Por exemplo: o Cinto-Larga Canari, de 25 anos, contratado como pedreiro por uma firma matogrossense ligada ao projeto Juína, com carteira assinada. Já trabalha há vários meses no projeto, e ainda não recebeu nenhum ordenado. Outro caso é o de dois índios que voltaram do projeto Juína em maio para viver nas imediações de Serra Morena. Contratados também como pedreiros, para trabalhar nas obras locais, lhes prometeram um salário mensal de 2.200 cruzeiros. Até o momento, entretanto, eles só receberam alimentação e roupas, e realizam trabalho pesado diariamente, sob a orientação de empregados das empreiteiras cuiabanas.

Em Dardanelos também foram encontrados pelos pesquisadores um índio, duas mulheres e uma criança que chegaram à Vila acompanhados de dois peões da fazenda Araçatuba, propriedade de José Aguilera, para trabalhar.

Valladares desconfia, ainda, que a Cooperativa Amazonense e a fazenda Paraíso, localizadas no lado oposto à Serra Morena, além de ocuparem grande parte de áreas indígenas, estariam empregando a mão de obra indígena.

DOENÇAS

As consequências desse processo de aproximação entre índios e brancos já são sensíveis na região da reserva indígena. Há três meses, por exemplo, a Funai registrou mais de 100 casos de gripe brava entre os índios Gaviões, Araras e Zorós, o que obrigou o ser-

tanista José do Carmo Santana a procurar recursos na 8.ª Delegacia, em Porto Velho.

A febre amarela, por outro lado, voltou ao Aripuanã, informa o padre Iasi, acrescentando que mais dia menos dia as primeiras vítimas serão, sem dúvida, os índios Cintas-Largas e os Suruis, e alertando a Funai para que providencie com a máxima urgência a campanha de vacinação.

Os problemas sociais também se tornaram rotina, acrescentam os pesquisadores. No final de julho, eles contam, o índio Nerape tentou matar sua própria esposa depois que ela foi violentada por peões, na sede do município de Aripuanã. "As índias estão sendo seduzidas por peões e, em seguida, desprezadas pelos maridos índios, o que aumenta ainda mais os problemas sociais", comentou Valladares.

ASSISTENCIA AUSENTE

O posto indígena de Serra Morena, próximo à Aripuanã, não tem qualquer condição de fazer atendimentos de urgência, denuncia padre Iasi. "Essa base da Funai está acéfala, e o dedicado, mas limitado atendente de saúde responde também pela chefia". E o pior — continua Iasi — é que dentro de poucos dias o projeto Juína levará as estradas internas até oito quilômetros dentro da aldeia de Serra Morena, ameaçando ainda mais a sobrevivência dos índios.

Preocupado, o padre Iasi comenta que os postos da Funai estão cada vez mais desfalcados de pessoal preparado para atender os índios. E conclui: "Desde 1975 que a Funai alega que não tem verbas para contratar novos funcionários. Um órgão nessa situação, portanto, só pode ser falido, e o futuro do índio está a sete palmos abaixo da terra, quando houver quem o sepulte".